

LIÇÃO 1 - O Método de Investigar o Ser Enquanto Ser. Como Esta Ciência Difere das Outras Ciências

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 1: 1025b 3-1026a 32

“ 532. Os princípios e causas dos seres são o objeto de nossa busca, e é evidente que [devemos investigar os princípios e causas dos seres] enquanto seres. Pois existe uma causa da saúde e de sua recuperação; e também existem princípios, elementos e causas dos objetos da matemática; e, em geral, toda ciência intelectual, na medida em que participa do intelecto, lida com princípios e causas: seja com aquelas que são mais certas ou com aquelas que são mais simples.

533. Mas todas essas ciências selecionam alguma coisa particular, ou alguma classe particular, e confinam suas investigações a isto, mas elas não lidam com o ser em sentido absoluto, ou enquanto ser. Nem fazem qualquer menção à quiddidade mesma das coisas. Mas partindo disto, umas tornando isto evidente por meio dos sentidos, e outras tomando isto por pressuposição [de alguma outra ciência], elas demonstram com maior necessidade ou mais fracamente os atributos essenciais da classe de coisas com que lidam. Por esta razão, é evidente que não há demonstração da substância ou quiddidade de uma coisa a partir de tal método indutivo, mas existe outro método para tornar isto conhecido. E, similarmente, elas nada dizem sobre a existência ou não existência da classe de coisas com que lidam, porque pertence à mesma ciência mostrar o que uma coisa é e se ela existe.

534. E uma vez que a filosofia da natureza se ocupa de alguma classe de ser (pois ela lida com aquele tipo de substância na qual há um princípio de movimento e repouso), é evidente que ela não é uma ciência prática nem produtiva. Pois o princípio das ciências produtivas está no fazedor, seja este

intelecto ou arte ou algum tipo de potência; mas o princípio das ciências práticas é a prohairesis no agente, pois o objeto da ação e o da escolha são os mesmos. Assim, se toda ciência é prática, produtiva ou teórica, a filosofia da natureza será uma ciência teórica. Mas ela será teórica daquele tipo de ser que está sujeito ao movimento, e daquele tipo de substância que é inseparável da matéria em sua estrutura inteligível, na maioria dos casos apenas.

535. Ora, a essência e a expressão conceptual do modo como uma coisa existe não devem permanecer desconhecidas, porque sem isto nossa investigação será infrutífera. E a respeito das coisas definidas, ou de sua quiddidade, algumas são como o chato e outras como o côncavo. E estas diferem, porque o chato é concebido com matéria sensível (pois chato é um nariz côncavo), enquanto o côncavo é concebido sem matéria sensível. Mas todas as coisas físicas são tratadas de modo semelhante ao chato, por exemplo, nariz, olho, face, carne, osso e animal em geral; folha, raiz, casca e planta em geral (pois a definição de nenhuma destas é sem movimento, mas sempre inclui matéria). Assim, fica claro como devemos investigar e definir a essência no caso das coisas físicas, e por que também pertence ao filósofo natural especular sobre um tipo de alma — aquela que não existe sem matéria. A partir destes fatos, então, é evidente que a filosofia da natureza é uma ciência teórica.

536. Mas a matemática também é uma ciência teórica, embora ainda não seja evidente se ela lida com coisas que são imóveis e separáveis da matéria. No entanto, é evidente que a matemática especula sobre coisas na medida em que são imóveis e na medida em que são separáveis da matéria.

537. Ora, se existe algo que é imóvel, eterno e separável da matéria, evidentemente o conhecimento disto pertence a uma ciência teórica. No entanto, não pertence à filosofia da natureza (pois esta ciência lida com certas coisas móveis), nem à matemática, mas a uma ciência anterior a ambas. Pois a filosofia da natureza lida com coisas que são inseparáveis da matéria, mas não imóveis. E algumas ciências matemáticas lidam com coisas que são imóveis, mas presumivelmente não existem separadamente, estando presentes como que na matéria. A filosofia primeira, no entanto, lida com coisas que são tanto separáveis da matéria quanto imóveis. Ora, as causas comuns devem ser eternas, e especialmente estas; uma vez que são as causas das coisas sensíveis visíveis a nós.

538. Portanto, haverá três filosofias teóricas: a matemática, a filosofia da natureza e a teologia.

539. Pois é óbvio que, se o divino existe em algum lugar, existe neste tipo de natureza.

540. *E a mais honrosa das ciências deve lidar com a mais honrosa classe de coisas. Portanto, as ciências teóricas são mais desejáveis do que as outras ciências.*

541. *Alguém poderia perguntar, no entanto, se a filosofia primeira é universal ou trata de alguma classe particular, ou seja, de um tipo de realidade; pois nem mesmo nas ciências matemáticas o método é o mesmo, já que tanto a geometria quanto a astronomia tratam de um tipo particular de natureza, enquanto a ciência primeira é universal e comum a todas.*

542. *Portanto, se não há substância além daquelas que existem à maneira das substâncias naturais, a filosofia da natureza será a ciência primeira; mas se existe uma substância imóvel, esta substância será anterior, e [a ciência que a investiga será a] filosofia primeira, e será universal desta forma. E porque será primeira e sobre o ser, será função desta ciência investigar tanto o que é o ser quanto os atributos que lhe pertencem enquanto ser.*

COMENTÁRIO

Como ela difere das outras ciências ao tratar do ser

1144. Tendo mostrado no Livro IV (535) desta obra que esta ciência considera o ser e a unidade e aqueles atributos que pertencem ao ser enquanto tal, e que todos estes são usados em vários sentidos; e tendo distinguido o número destes no Livro V (843; 885) desta obra, aqui o Filósofo começa a estabelecer a verdade sobre o ser e aqueles atributos que pertencem ao ser.

Esta parte divide-se em duas seções. Na primeira, ele explica o método pelo qual esta ciência deve estabelecer o que é verdadeiro sobre o ser. Na segunda (1247), ele começa a resolver a questão sobre o ser. Ele faz isso no início do Livro VII ("O termo ser é usado em muitos sentidos").

A primeira parte divide-se em duas seções. Na primeira, ele explica o método de tratar dos seres, que é próprio desta ciência, mostrando como ela difere das outras ciências. Na segunda (1170), ele exclui certos sentidos de ser da investigação desta ciência, ou seja, aqueles sentidos que não são a principal preocupação desta ciência ("Ser em sentido absoluto").

A primeira parte divide-se novamente em duas seções. Na primeira, ele mostra como esta ciência difere das outras porque considera os princípios do ser enquanto ser. Na segunda (1152), ele mostra como esta ciência difere das outras em seu método de tratar princípios deste tipo ("E como a filosofia da natureza"). Em relação à primeira, ele faz duas coisas.

1145. Primeiro, ele mostra como esta ciência concorda com as outras ciências em seu estudo dos princípios. Ele diz que, como o ser é o sujeito deste tipo de ciência, conforme foi mostrado no Livro IV (529-30), e toda ciência deve investigar os princípios e causas que pertencem ao seu sujeito enquanto é este tipo de coisa, devemos investigar nesta ciência os princípios e causas dos seres enquanto seres. E isso também é o que ocorre nas outras ciências. Pois existe uma causa da saúde

e de sua recuperação, que o médico busca. E, da mesma forma, também existem princípios, elementos e causas dos objetos da matemática, como figura e número e outras coisas deste tipo que o matemático investiga. E, em geral, toda ciência intelectual, em qualquer grau que participe do intelecto, deve sempre lidar com causas e princípios. Isso ocorre quer ela trate de coisas puramente inteligíveis, como a ciência divina, quer trate daquelas que são de alguma forma imagináveis ou sensíveis em particular, mas inteligíveis em geral; ou mesmo que trate de coisas sensíveis na medida em que há ciência delas, como ocorre no caso da matemática e no da filosofia da natureza. Ou ainda, quer procedam de princípios universais para casos particulares nos quais há atividade, como ocorre nas ciências práticas, é sempre necessário que tais ciências tratem de princípios e causas.

1146. Ora, estes princípios são (1) ou mais certos para nós, como ocorre nas ciências naturais, porque estão mais próximos das coisas sensíveis, ou (2) são mais simples e anteriores por natureza, como ocorre nas ciências matemáticas. Mas as cognições que são apenas sensoriais não resultam de princípios e causas, mas do próprio objeto sensível agindo sobre os sentidos. Pois proceder das causas para os efeitos ou o inverso não é uma atividade dos sentidos, mas apenas do intelecto. Ou "princípios mais certos" significa aqueles que são mais conhecidos e mais profundamente investigados, e "simples" significa aqueles que são estudados de uma forma mais superficial, como ocorre nas ciências morais, cujos princípios são derivados daquelas coisas que ocorrem na maioria dos casos.

1147. **Mas todas estas** (533).

Segundo, ele mostra como as outras ciências diferem desta ciência em seu estudo dos princípios e causas. Ele diz que todas estas ciências particulares que foram mencionadas agora são sobre uma classe particular de ser, por exemplo, número, quantidade contínua ou algo deste tipo; e cada uma confina suas investigações ao "seu gênero sujeito", ou seja, tratando desta classe e não de outra; por exemplo, a ciência que trata do número não trata da quantidade contínua. Pois nenhuma das outras ciências trata "do ser em sentido absoluto", ou seja, do ser em geral, ou mesmo de qualquer ser particular enquanto ser; por exemplo, a aritmética não trata do número como ser, mas como número. Pois considerar cada ser enquanto ser é próprio da metafísica.

1148. E como pertence à mesma ciência considerar tanto o ser quanto a quiddidade ou essência, porque cada coisa tem ser em razão de sua quiddidade, portanto as outras ciências particulares não fazem "nenhuma menção", ou seja, não investigam, a quiddidade ou essência de uma coisa e a definição que a significa. Mas (+) elas procedem "disso", ou seja, da própria quiddidade de uma coisa, para outras coisas, usando isso como um princípio já estabelecido com o propósito de provar outras coisas.

1149. Ora, algumas ciências tornam a quiddidade de seu sujeito evidente por meio dos sentidos, como a ciência que trata dos animais entende o que é um animal por meio do que "é aparente aos sentidos", ou seja, por meio da sensação e do movimento local, pelos quais o animal é distinguido do não-animal. E outras ciências entendem a quiddidade de seu sujeito assumindo-a de alguma outra ciência, como a geometria aprende o que é quantidade contínua da filosofia primeira. Assim, começando da própria quiddidade de uma coisa, que foi tornada conhecida seja pelos sentidos, seja assumindo-a de alguma outra ciência, estas ciências demonstram os atributos próprios que

pertencem essencialmente ao gênero-sujeito com o qual lidam; pois uma definição é o termo médio em uma demonstração causal. Mas o método de demonstração difere; porque algumas ciências demonstram com maior necessidade, como as ciências matemáticas, e outras "mais fracamente", ou seja, sem necessidade, como as ciências da natureza, cujas demonstrações são baseadas em coisas que não pertencem a algo sempre, mas na maioria das vezes.

1150. Outra tradução tem "condição" no lugar de "assunção", mas o significado é o mesmo; pois o que é assumido é tomado, por assim dizer, por estipulação. E como o ponto de partida da demonstração é a definição, é evidente que deste tipo de método indutivo "não há demonstração da substância de uma coisa", ou seja, de sua essência, ou da definição que significa sua quiddidade; mas há algum outro método pelo qual as definições são tornadas conhecidas, ou seja, o método de eliminação e os outros métodos que são dados nos *Analíticos Posteriores*, Livro IV.

1151. Assim como nenhuma ciência particular decide a questão sobre a quiddidade das coisas, tampouco qualquer uma delas discute a existência ou não existência do gênero-sujeito com o qual lida. Isso é compreensível, porque cabe à mesma ciência decidir a questão da existência de uma coisa e tornar conhecida sua quiddidade. Pois, para provar que uma coisa existe, sua quiddidade deve ser tomada como termo médio da demonstração. Ora, ambas essas questões pertencem à investigação do filósofo que considera o ser enquanto ser. Portanto, toda ciência particular pressupõe a existência e a quiddidade de seu sujeito, como é dito no Livro I dos *Segundos Analíticos*. Isso é indicado pelo fato de nenhuma ciência particular estabelecer a verdade sobre o ser em sentido absoluto, ou sobre qualquer ser enquanto ser.

1152. **E como a filosofia da natureza** (534).

Aqui ele mostra como esta ciência difere das outras ciências em seu método de considerar os princípios do ser enquanto ser. E como a filosofia da natureza era considerada pelos antigos como a primeira ciência e aquela que consideraria o ser enquanto ser, portanto, começando com ela como com o que é mais evidente, ele mostra, primeiro (534), como a filosofia da natureza difere das ciências práticas; e segundo (535), como ela difere das ciências especulativas, mostrando também o método de estudo próprio a esta ciência.

Ele diz, primeiro (534), que a filosofia da natureza não trata do ser em sentido absoluto, mas de alguma classe particular de ser, i.e., da substância natural, que possui em si mesma um princípio de movimento e repouso; e disso é evidente que ela não é nem uma ciência prática nem produtiva. Pois ação e produção diferem, porque a ação é uma operação que permanece no próprio agente, como escolher, entender e afins (e por essa razão as ciências práticas são chamadas de ciências morais), enquanto a produção é uma operação que passa para alguma matéria para transformá-la, como cortar, queimar e afins (e por essa razão as ciências produtivas são chamadas de artes mecânicas).

1153. Ora, é evidente que a filosofia da natureza não é uma (~) ciência produtiva, porque o princípio das ciências produtivas está no fazedor e não na coisa feita, que é o artefato. Mas o princípio do movimento nos corpos naturais está dentro desses corpos naturais. Além disso, o princípio das coisas feitas pela arte, que está no fazedor, é, primeiro, o intelecto que descobre a arte; e segundo, a arte que é um hábito intelectual; e terceiro, algum poder executivo, como o

poder motor pelo qual o artesão executa a obra concebida por sua arte. Portanto, é evidente que a filosofia da natureza não é uma ciência produtiva.

1154. E por essa razão é evidente que ela não é uma (~) ciência prática; pois o princípio das ciências práticas está no agente, não nas próprias ações ou operações costumeiras. Esse princípio é a "proairesis", i.e., a escolha; pois o objeto da ação e o da escolha são os mesmos. Portanto, é evidente que a filosofia da natureza não é nem uma ciência prática nem produtiva.

1155. Se, então, toda ciência é prática, produtiva ou teórica, segue-se que a filosofia da natureza é uma (+) ciência teórica. Contudo, ela "é teórica", ou especulativa, de uma classe especial de ser, a saber, aquela que está sujeita ao movimento; pois o ser móvel é a matéria-sujeito da filosofia da natureza. E ela trata apenas "desse tipo de substância", i.e., a quiddidade ou essência de uma coisa, que é, na maioria das vezes, inseparável da matéria em sua estrutura inteligível. Ele acrescenta isso por causa do intelecto, que de certa forma está no âmbito da filosofia da natureza, embora sua substância seja separável da matéria. Assim, fica claro que a filosofia da natureza trata de algum sujeito especial, que é o ser móvel, e que tem um modo especial de definir as coisas, ou seja, com a matéria.

1156. **Agora, a essência** (535).

Aqui ele mostra como a filosofia da natureza difere das outras ciências especulativas em seu método de definir as coisas; e a respeito disso, ele faz duas coisas. Primeiro, ele explica essa diferença. Segundo (1166), ele tira uma conclusão sobre o número de ciências teóricas. ("Portanto, haverá").

Em relação ao primeiro, ele faz três coisas. Primeiro, ele expõe o método de definir as coisas que é próprio da filosofia da natureza. Ele diz que, para entender como as ciências especulativas diferem umas das outras, a quiddidade de uma coisa e a maneira como "a expressão conceitual", i.e., a definição que a significa, deve ser expressa em cada ciência, não devem permanecer desconhecidas. Pois, ao buscar a referida diferença "sem isso", i.e., sem saber como definir as coisas, nossa busca seria infrutífera. Pois, como a definição é o termo médio em uma demonstração e, portanto, o ponto de partida do conhecimento, a diferença entre as ciências especulativas deve depender das diferentes maneiras de definir as coisas.

1157. Ora, a respeito das coisas que são definidas, deve-se notar que algumas são definidas como "chato" e outras como "côncavo". E essas duas diferem porque a definição de "chato" inclui matéria sensível (já que "chato" é meramente um nariz curvo ou côncavo), enquanto "concavidade" é definida sem matéria sensível. Pois algum corpo sensível, como fogo, água ou similar, não está incluído na definição de côncavo ou curvo. Pois diz-se que é côncavo aquilo cujo meio se curva para longe das extremidades.

1158. Ora, todas as coisas naturais são definidas de maneira semelhante a "chato", como é evidente tanto para aquelas partes do animal que são dessemelhantes, por exemplo, nariz, olho e face; quanto para aquelas que são semelhantes, por exemplo, carne e osso; e também para o animal inteiro. E o mesmo vale para as partes das plantas, por exemplo, folha, raiz e casca; e também para a planta inteira. Pois nenhuma delas pode ser definida sem movimento; mas cada

uma inclui matéria sensível em sua definição e, portanto, movimento, porque todo tipo de matéria sensível tem seu próprio tipo de movimento. Assim, na definição de carne e osso, é necessário que o quente e o frio sejam considerados como adequadamente misturados de alguma forma; e o mesmo vale para outras coisas. Disso é evidente qual é o método que a filosofia da natureza usa para investigar e definir a quiddidade das coisas naturais; i.e., ele envolve matéria sensível.

1159. E por essa razão, a filosofia da natureza também investiga um tipo de alma — o tipo que (+) não é definida sem matéria sensível. Pois no Livro II de *Da Alma*, ele diz que a alma é o primeiro ato de um corpo natural orgânico que tem vida em potência. Mas se alguma alma pode existir (~) separadamente de um corpo, então, na medida em que não é o ato de tal corpo, ela não cai no âmbito da filosofia da natureza. Portanto, é evidente, a partir do exposto, que a filosofia da natureza é uma ciência teórica e que tem um método especial de definir as coisas.

1160. Mas a matemática (536).

Segundo, ele expõe o método próprio da matemática. Ele diz que a matemática também é uma ciência especulativa; pois evidentemente não é nem prática nem produtiva, uma vez que considera coisas que são desprovidas de movimento, sem as quais a ação e a produção não podem existir. Mas ainda não está claro se aquelas coisas que a ciência matemática considera são imóveis e separáveis da matéria em seu ser. Pois alguns homens, os platônicos, sustentavam que números, grandezas contínuas e outros objetos matemáticos são separados da matéria e intermediários entre as Formas e as coisas sensíveis, como é dito no Livro I (157) e no Livro III (350). Mas a resposta a essa questão ainda não foi totalmente estabelecida por ele, mas será estabelecida mais tarde.

1161. Contudo, é evidente que a ciência matemática estuda algumas coisas na medida em que são imóveis e separadas da matéria, embora elas não sejam nem imóveis nem separáveis da matéria no ser. Pois sua estrutura inteligível, por exemplo, a de côncavo ou curvo, não contém matéria sensível. Portanto, a ciência matemática difere da filosofia da natureza nesse aspecto: enquanto a filosofia da natureza considera coisas cujas definições contêm matéria sensível (e assim considera o que não é separado na medida em que não é separado), a ciência matemática considera coisas cujas definições não contêm matéria sensível. E assim, mesmo que as coisas que ela considera não sejam separadas da matéria, ela as considera na medida em que são separadas.

1162. Agora, se existe algo (537).

Em terceiro lugar, ele expõe o método próprio desta ciência. Diz que, se existe algo cujo ser é imóvel e, portanto, eterno e separável da matéria no ser, é evidente que a investigação dele pertence a uma ciência teórica e não a uma prática ou produtiva, cujas investigações dizem respeito a certos tipos de movimento. No entanto, o estudo de tal ser não pertence à filosofia da natureza, pois a filosofia da natureza trata de certos tipos de seres, a saber, os móveis. Tampouco o estudo deste ser pertence à matemática, porque a matemática não considera coisas separáveis da matéria no ser, mas apenas em sua estrutura inteligível, como foi dito (1161). Mas o estudo deste ser deve pertencer a outra ciência, anterior a ambas, isto é, anterior à filosofia da natureza e à matemática.

1163. Pois a *filosofia da natureza* trata de coisas inseparáveis da matéria e móveis, e a *matemática* trata de certas coisas imóveis, embora estas não sejam separadas da matéria no ser, mas apenas em sua estrutura inteligível, já que na realidade são encontradas na matéria sensível. E ele diz “presumivelmente” porque esta verdade ainda não foi estabelecida. Além disso, ele diz que algumas ciências matemáticas tratam de coisas imóveis, como a geometria e a aritmética, porque algumas ciências matemáticas são aplicadas ao movimento, como a astronomia. Mas a *primeira ciência* trata de coisas separáveis da matéria no ser e totalmente imóveis.

1164. Ora, as causas comuns devem ser eternas, porque as primeiras causas dos seres que são gerados não devem ser geradas, caso contrário o processo de geração prosseguiria ao infinito; e isso é verdade especialmente para aquelas causas que são totalmente imóveis e imateriais. Pois essas causas imateriais e imóveis são as causas das coisas sensíveis evidentes para nós, porque são seres em grau supremo e, portanto, são a causa de outras coisas, como foi mostrado no Livro II (290). Disto fica evidente que a ciência que considera seres desse tipo é a primeira de todas as ciências e aquela que considera as causas comuns de todos os seres. Portanto, existem causas dos seres enquanto seres, que são investigadas na filosofia primeira, como ele propôs no Livro I (36). E a partir disso fica bastante claro que é falsa a opinião daqueles que afirmaram que Aristóteles pensava que Deus não é a causa da substância dos céus, mas apenas de seu movimento. [contra Ibn-Rushd]

1165. No entanto, devemos lembrar que, embora as coisas separadas da matéria e do movimento no ser e em sua estrutura inteligível pertençam ao estudo da filosofia primeira, o filósofo não investiga apenas estas, mas também as coisas sensíveis na medida em que são seres. A menos que talvez possamos dizer, como faz Avicena, que as coisas comuns do tipo que esta ciência considera são ditas separadas da matéria no ser, não porque estejam sempre sem matéria, mas porque não necessariamente têm ser na matéria, como os objetos da matemática.

1166. **Portanto, haverá** (538).

Ele tira uma conclusão sobre o número de ciências teoréticas. E sobre isso faz três coisas. Primeiro, ele conclui do que foi exposto acima que há três partes da filosofia teorética: matemática, filosofia da natureza e teologia, que é a filosofia primeira.

1167. **Pois é óbvio** (539).

Em segundo lugar, ele dá duas razões pelas quais esta ciência é chamada de teologia.

A primeira delas é que “é óbvio que se o divino existe em algum lugar”, isto é, se algo divino existe em alguma classe de coisas, existe em tal natureza, a saber, na classe de ser que é imóvel e separada da matéria, que esta ciência estuda.

1168. **E a mais honrosa** (540).

Ele dá a segunda razão pela qual esta ciência é chamada de teologia; e a razão é esta: a ciência mais honrosa trata da classe mais honrosa de seres, e esta é aquela em que os seres divinos estão contidos. Portanto, já que esta ciência é a mais honrosa das ciências por ser a mais honrosa das ciências teoréticas, como foi mostrado antes (64) — e estas são mais honrosas do que as ciências

práticas, como foi dito no Livro I (35) —, é evidente que esta ciência trata de seres divinos; e, portanto, é chamada teologia na medida em que é um discurso sobre seres divinos.

1169. **Mas alguém perguntará** (541).

[objeção] Em terceiro lugar, ele levanta uma questão sobre um ponto já estabelecido. Primeiro, expõe a questão, dizendo que alguém pode indagar se a filosofia primeira é universal na medida em que considera o ser em geral, ou se investiga alguma classe particular ou uma única natureza. Ora, isso não parece ser o caso. Pois esta ciência e as ciências matemáticas não têm um mesmo método; porque a geometria e a astronomia, que são ciências matemáticas, tratam de uma natureza especial, enquanto a filosofia primeira é universalmente comum a todas. No entanto, o oposto parece ser verdadeiro, a saber, que ela trata de uma natureza especial, porque se ocupa de coisas separáveis da matéria e imóveis, como foi dito (1163).

1170. **Portanto, se** (542).

Segundo, ele responde a esta questão, dizendo que, se não existe substância além daquelas que existem à maneira das substâncias naturais, com as quais a filosofia da natureza lida, a filosofia da natureza será a ciência primeira. Mas, se existe alguma substância imóvel, esta será anterior à substância natural e, portanto, a filosofia da natureza, que considera esse tipo de substância, será a filosofia primeira. E, como é primeira, será universal; e será sua função estudar o ser enquanto ser, tanto o que é o ser quanto os atributos que pertencem ao ser enquanto ser. Pois a ciência do tipo primário de ser e a do ser em geral são as mesmas, como foi afirmado no início do Livro IV (533).

Revision #2

Created 15 September 2026 22:53:17 by Admin

Updated 15 September 2026 22:59:21 by Admin